



Magia do Magnetismo Curador

Logo depois de surgirem as primeiras manifestações do pensamento, durante o processo evolutivo do homem primitivo, ele viu-se igual aos semelhantes que o cercavam, mas sentiu-se único e diferente. Em certo estágio, passou a comunicar-se por sons articulados, por palavras inteligíveis, adquirindo condições de transmitir aos seus descendentes imediatos os conhecimentos conquistados. Com o passar dos milênios, dominando as técnicas de obtenção dos alimentos e proteção da prole, supriu as suas necessidades básicas, conquistou abrigo e começou a se reproduzir. Conscientizou-se do fenômeno da morte e passou a questionar o porquê das coisas que o rodeavam.

Os mais evidentes questionamentos foram a luz e as trevas, o sentido da vida e do calor, o enigma da abóbada celeste e a supremacia do Sol. Por trás do fogo, primordial à vida de então, inconscientemente pressentiu algo imaterial, uma luz inteligente que lhe propiciava segurança; pálida lembrança da Suprema Divindade que o criou. Contemplando o espetáculo do firmamento estrelado, despertou-se-lhe a curiosidade. Quando via as folhas das árvores balançando ao vento, imaginava um ser oculto. Diante de um temporal com raios e trovões, concebia um Deus poderoso e irado. Com uma compulsividade nata de atribuir Divindade aos fenômenos que não compreendia, demonstrava ser a semente cósmica do

Criador, destinada a germinar. Possuindo uma noção exata de algo superior, transcendendo ao seu entendimento, ansiava atingir o inatingível, possuir o poder da magia. Contemplando o astro rei, o Sol, sentia-se seguro, em quase êxtase sublimado, engrandecido. Essas primeiras reflexões abstratas faziam parte daquele ser que deixava para trás a consciência mais primitiva e tornava-se autoconsciente, que era único, fazendo parte de um Todo incompreensível.

Estavam instaladas no orbe terrícola as condições básicas da evolução para a influência favorável dos Maiorais siderais e das instâncias de grau mais elevado no planejamento cósmico, encarregados da evolução da vida nos incontáveis planetas do Universo; e para a vinda, de outras constelações, de espíritos mais evoluídos, que trariam conhecimentos e acompanhariam outros emigrados exilados, que não tinham condições morais de permanecer naquelas instâncias mais evoluídas, sendo-lhes imposta a continuidade evolutiva em orbes mais atrasados.

Chega, então, enorme agrupamento de espíritos emigrados, que se estabelecem e formam colônia no Astral da antiga Lemúria e da Atlântida. Os sacerdotes iniciados, líderes daquelas colônias astralinas, trazem consigo o conhecimento esotérico Aumbandhã, significando a própria “Lei Maior Divina”. Eram de grande mentalismo; dominavam, com desenvoltura rotineira, o que se designa em vosso vocabulário atual como transmutação alquímica, fluidologia e ectoplasma curativa, materialização e desmaterialização, magnetismo e cromoterapia, desdobramentos dos corpos mediadores físico, etérico, astral e mental; controlavam, perfeitamente, os elementais nas suas sete gradações ou sete planos vibracionais de manifestação do espírito. Esses elementais, formas energéticas neutras — não são positivos nem negativos, nem bons nem maus —, eram utilizados pelos sacerdotes, magos brancos atlantes, que assim arregimentavam as forças ocultas necessárias à magia, à construção e à evolução das criaturas.

Os lemurianos e os atlantes de pele vermelha não foram procedentes do satélite de Capela, da constelação do Cochei-

ro¹; vieram de um outro orbe, do sistema estelar de Sírius, ou Estrela Cão, em que o Sol é uma estrela de intenso amarelo-ouro, inigualável em sua beleza, num mesmo movimento espiritual de transmigração que trouxe os capelinos. Adoradores do Sol, irrepreensíveis magos e alquimistas, transmutavam os metais grosseiros em ouro.

Os capelinos, de cútis branca, tinham uma estrela distante, de minguados raios solares, como leve claridade das manhãs inverniais, a iluminá-los. Não por acaso, semelhantes em evolução e em conhecimentos iniciáticos aos de pele vermelha. Esses migrados, impostos à força coercitiva animal de corpos rudes e primitivos, em diferente composição anatomofisiológica dos corpos originais do astro-mãe, dos quais eram procedentes, teriam que adaptar-se à vida selvagem, de condições climáticas inóspitas e perigosas da Terra de então.

Latentes em suas memórias astrais, todos os conhecimentos e realizações adquiridos anteriormente, contribuiriam para a evolução dos espíritos irmãos do vosso orbe, originalmente hominiais terrícolas. Por intercessão de espíritos superiores e amorosos, que os acompanharam nessa migração, e por deliberação dos engenheiros siderais, geneticistas cósmicos encarregados da criação dos corpos e dos grupos biológicos e das raças dos diversos mundos, e que deveriam ser, no futuro, homogêneos, permitiu-se a formação dessa raça vermelha em vosso orbe.

Da amálgama dessas duas raças provenientes de outras paragens no Cosmo, enxotadas do Éden remoto, após os cataclismas que afundaram as civilizações lemuriana e atlante, obrigando-as à migração, constituiu-se em solo brasileiro o tronco indígena Tupi, mais avermelhado, e do outro lado do oceano, o tronco dos Árias, um misto dessas duas raças-mãe, cujos descendentes foram os celtas, os latinos e os gregos. Conforme dissertado alhures, esse movimento migratório espalhou-se aos quatro cantos do orbe terrícola, ato sidé-

1 — Vide “Os Exilados da Capela”, de Edgar Armond (Editora LAKE), e “A Caminho da Luz”, de Emmanuel (Editora FEB), sobre o exílio compulsório dos capelinos para a Terra.

reo que contribuiu para a busca da homogeneidade étnica e cultural ao longo de toda a História da humanidade e que deverá desaguar no Terceiro Milênio, quando chegar a hora da depuração espiritual da Terra, da separação do joio do trigo e da transmigração, agora, dos exilados terrícolas, enviados a outras constelações planetárias, num processo análogo ao ocorrido na época da antiga Lemúria e Atlântida.

A sua pele avermelhada, que originalmente fazia parte da configuração perispiritual dos emigrados, se fez presente quando da reencarnação daqueles exilados, num processo marcante de interferência das mentes poderosas e criadoras responsáveis por esta programação, repercutindo vibratoriamente na formação do novo equipo físico e, sobremaneira, na cor da epiderme. Desventuradamente, deixaram-se levar pela ambição desmesurada e pela magia negra, quando utilizaram todos os conhecimentos iniciáticos milenares, gananciosamente, em proveito próprio e para o mal.

Os lemurianos e os atlantes eram exímios curadores. Hodiernamente, cessado o período de maior convencimento dos incrédulos materialistas, com o término das materializações fenomenológicas e das curas com incisão e cortes chocantes, sensacionais aos olhos do leigo e muito trabalhosas para a Espiritualidade, chega o momento do despontar da mediunidade de cura.

Muitos espíritos daqueles antigos lemurianos e atlantes da raça vermelha, hoje encarnados, que em vidas passadas foram alquimistas a serviço das organizações trevosas e dos seus maquiavélicos magos negros, e que muito manipularam os elementais da natureza, forças neutras e puras das sete faixas vibratórias do Cosmo, despolarizando as correspondências vibracionais daqueles que queriam atingir, em proveito próprio, estão reencarnados e comprometidos com o desiderato curativo dos semelhantes dos dois lados da vida.

Tiveram seus corpos perispiríticos sensibilizados antes de reencarnar, com maior afastamento do duplo etérico, propositalmente distanciado do corpo físico, quando do acoplamento do espírito reencarnante, miniaturizado no momento

conceptivo da união dos dois gametas. Decorrência natural da influência desse magnetismo modelador, imantado desde a concepção e durante a formação do novo corpo físico, por toda a vida até o desencarne, se forma verdadeira “abertura” por onde o corpo etérico, hipersensibilizado, exsuda abundante ectoplasma. O metabolismo corpóreo é a ininterrupta água corrente do rio que enche a represa, como se fosse uma grande turbina geradora de energia numa hidrelétrica, que nunca pára de trabalhar.

Esse médium é uma antena viva do mundo astral, pois o duplo etérico mais afastado do corpo físico torna-o mais sensível às impressões transmitidas pelo corpo astral ou perispírito, provenientes dele próprio ou de agentes espirituais externos. Facilita-se a lembrança do que ocorre, quando em desdobramento provocado, nas incursões de socorro ou cura, no baixo Umbral, nos subterrâneos trevosos do orbe, nas cavernas úmidas e fétidas, nos locais lamacentos, inimagináveis para vós.

Nessas ocasiões, o cérebro físico guarda impressões, condicionado que está aos estímulos constantes, oriundos da janela vibratória que potencializa o duplo etérico e do cabo de ligação que é o cordão de prata, retendo mais facilmente as impressões do cérebro perispiritual. Em muitos casos, não permitimos ao médium a vista ampla desse cenário dantesco, pois ele pode se desequilibrar diante do que chamais de “inferno”.

Essas incursões, em desdobramento provocado, fazem parte do resgate daqueles irmãos mais sofridos e deformados pela deterioração ocasionada por terem ficado longo tempo sem reencarnar. Alguns irmãos socorridos encontram-se tão desvitalizados, com sérias deformações perispirituais, que temos dificuldade de expressar os seus formatos em palavras inteligíveis para vós. O magnetismo do orbe vai deteriorando seus perispíritos gradativamente.

Há irmãos com tais deformações, que mostram-se como seres teratológicos, escatológicos, abomináveis à primeira impressão, mas dignos de todo o nosso amor. Outros socor-

ridos encontram-se tão desvitalizados e enrijecidos, que são como rochas humanas, pessoas calcificadas, tristes estátuas a ornar um vale petrificado.

Em mensagens anteriores, abordamos as repercussões vibratórias do acoplamento áurico e a função do perispírito do médium como novo modelo organizador do perispírito deformado do socorrido. Além do magnetismo normal do perispírito do médium, o ectoplasma abundante exalado pelo duplo etérico contribui para a revitalização e o retorno à forma perispiritual original do atendido.

Como semelhante cura semelhante, e como nós, em espíritos, não possuímos ectoplasma, que é o fluido animalizado produzido no duplo etérico e decorrente do metabolismo biológico do equipo físico, não podemos interceder nesses níveis mais densos e pesados, sendo, portanto, necessário um médium de cura desdobrado nessas cidades degradantes, abaixo da crosta terrestre. Como explanamos alhures, não há nada de excepcional no fato de utilizarmos os fluidos dos encarnados para tais intentos. Precisamos de algo tão ou mais denso que os fluidos existentes nessas regiões, e somente os fluidos animalizados do metabolismo físico lhes são semelhante ou os superam em densidade.

Há uma certa complexidade nessas movimentações. Primeiramente, temos que preservar a segurança da instrumentação mediúcnica, pois trata-se de um trabalho assistido de caridade, eminentemente de interesse altruístico. Segundo, temos, em alguns casos mais difíceis, de desdobrar somente o duplo etérico do mediano em decorrência da volumosa quantidade de fluidos animalizados utilizada. Nessas ocasiões, os cuidados são redobrados. É extremamente desenvolvida a sensibilidade desse corpo intermediador e os assédios das organizações trevosas são contumazes. Elas tentam atacar o corpo físico inerte ou abalar a estrutura do cordão de prata, órgão elástico e hipersensível a qualquer estímulo brusco, que, rompendo-se, desliga o corpo astral dos corpos etérico e físico, havendo o desencarne abrupto, como ocorre em vossos acidentes automobilísticos.

O duplo etérico desdobrado, por Lei de Afinidade, só se desloca para locais, no Astral, de grande densidade, em comunidades que encontram-se mais abaixo da crosta planetária. Não entraremos em maiores detalhamentos quanto a essas paisagens, pois não são a finalidade desta singela exposição ². O medianeiro fica em desdobramento provocado pelos jatos magnéticos que lançamos, contrários ao campo vibracional que imanta o positivo com o negativo na vida densa. É um transe cataléptico letárgico, baixando-lhe a temperatura e o metabolismo do corpo, à noite, durante o sono físico. Isso ocorre porque ele fica sem o corpo etérico que o liga ao corpo astral, tornando-se um amontoado de carne sem comando, pois o verdadeiro propulsor de tudo é a mente, que encontra-se desligada do órgão físico, que é o cérebro.

Trabalhamos em grupo para segurança dos intentos incursionistas de socorro. Há vários técnicos, cada um dentro de sua especialidade. Os nossos amigos índios peles-vermelhas oferecem apoio e retaguarda nessas verdadeiras batalhas astrais do bem contra o mal. São eles oriundos da colônia espiritual de Juremá, espíritos de grande evolução e que, por amor aos terrícolas, adotam as configurações perispirituais em que foram muitos felizes há milênios atrás. Já estando libertos do cárcere da carne, laboram incessantemente na caridade, dando-nos grande apoio, seja na manipulação de outros fluidos curativos, que são agregados ao fluido animal do médium, seja na movimentação de verdadeiras falanges que vão à frente “abrindo os caminhos”: um neologismo da Umbanda, definindo bem esta movimentação estremada. Estabiliza-se uma gigantesca manta magnética, uma bolha contornando o corpo etérico do instrumento mediúnico, à similitude de um cisco que escorre através de uma gota de água na vidraça. Os caciques chegam a mobilizar até 5 mil índios, armados com lanças e dardos magnéticos, pois as entidades malévolas que se fazem presentes nesses locais tre-

2 — Para descrição dessas paragens e comunidades trevosas, vide a obra “A Vida Além da Sepultura”, de Ramatís e Atanagildo (Editora do Conhecimento), bem como “O Abismo”, de R. A. Ranieri (Editora Eco).

vosos somente respeitam a força e a atitude coercitiva.

Na maioria das vezes, quando coordenamos esses trabalhos, elas não podem nos ver. Utilizamos o corpo astral, mas não é possível condensá-lo totalmente, pelo fato de, há muito, termos nos desvinculado do grilhão da carne e do ego aprisionador. Os pretos-velhos também se fazem integrantes, pois são exímios nos desmanches de bases de feitiçaria e magia dos magos negros.

Nos trabalhos direcionados ao desmanche e varredura energética das bases dos magos negros, que, muitas vezes, utilizam-se de aparatos tecnológicos ainda desconhecidos das mesas mediúnicas e escravizam os irmãos deformados ³, potencializa-se a substância ectoplásmica, deslocando-a aos lugares onde está a origem dos instrumentos de magia negra, objetos vibratoriamente magnetizados e que captam a frequência vibratória do alvo visado — geralmente irmãos encarnados — como se desse a leitura das coordenadas para a realização do feitiço correspondente ⁴. Com este recurso, desmagnetiza-se, neutraliza-se e desmancha-se essas aparelhagens, em

3 — Nota de Ramatís: Os nossos irmãos com deformações nos corpos astrais, quer seja pela força mental de indução dos magos negros, quer seja por estarem por longa data fugindo do magnetismo reencarnatório do orbe, são classificados por alguns escritores e ativistas da mediunidade, espíritas e espiritualistas, inadvertidamente, como EXUS, palavra que, em sânscrito (EXUD), é tão antiga quanto a civilização terrícola, sendo originária da Atlântida. Historicamente, desviou-se de sua denominação original, quando passaram-se a designar como EXUS os sacerdotes banidos das fraternidades brancas, que utilizavam-se dos elementais da natureza para o mal, para a magia negra. Como esses elementais, agentes e veículos da magia, originariamente formas energéticas neutras, são acinzentados, quando vistos pelos clarividentes, criou-se essa interpretação errônea.

Essas formas energéticas existem nas sete faixas vibratórias do Cosmo, e são agentes da magia universal, receptivos ao pensamento, tanto para o bem como para o mal. Indevidamente, associaram-nas ao mal, à feitiçaria e à magia negra. Não adentraremos em maiores pormenores quanto à utilização desses elementais, pois fugiríamos do escopo da presente abordagem.

A Umbanda atual, praticada no Brasil, pela caridade que realiza, é importante para a Espiritualidade, sendo um dos instrumentos de união das religiões no Terceiro Milênio, a Nova Era que se delinea, e para a religiosidade como um todo. Não é “baixo espiritismo”, e os nossos irmãos com deformações em seus corpos astrais, “soldados do mal”, escravizados pelos magos negros, não são o que alguns, com ar de superioridade, costumeiramente denominam de EXUS.

4 — Vide a obra “Magia de Redenção”, de Ramatís (Editora do Conhecimento), que elucida, clara e integralmente, o mecanismo do feitiço.

verdadeiras tempestades astrais, que vão varrendo e higienizando esses laboratórios do mal, antros da anarquia.

Muitas vezes, ao acordar, o médium se lembrará dos fatos; sentir-se-á cansado, exaurido de energia, com apetite aguçado. Essa situação ocorre em grande parte e em variada amplitude, conforme a quantidade doada e retirada de ectoplasma. É um acontecimento natural, facilmente resolvido com a ingestão de água, sucos, comestíveis ricos em carboidratos e glicose e, se possível, um repouso a contento, que nem sempre é viável, pois nosso obreiro, às vezes, tem a labuta do dia seguinte pela frente. Tentamos programar essas ações nas noites que antecedem a folga dos medianeiros nos seus trabalhos profanos, mas nem sempre é possível diante da urgência socorrista.

Os lamas tibetanos curam com a concentração mental, produzindo ondas de energia, fazendo com que os espíritos engendrem esta energia ao redor do emissor e a canalizem àqueles que são objeto da assistência. Na cura aos encarnados, utilizamo-nos dos recursos ectoplásmicos para a materialização e desmaterialização de tecidos humanos. As energias fluídicas manipuladas do ectoplasma do médium e da natureza são usadas em um processo de desintegração atômica das células doentes e a imediata reintegração de células sadias na área afetada. Com o magnetismo, afrouxamos os laços que mantêm coesa a estrutura molecular original das células doentes, como se essa massa compactada se expandisse e retornasse ao fluido cósmico universal, já que nada se perde no Cosmo, tudo se transmuta.

Esses enxertos ectoplásmicos, com novas células sadias, são verdadeiros trabalhos de magia curativa. Essas próteses ectoplásmicas têm que ser imantadas à mesma frequência do campo magnético do encarnado. Cria-se na aura do órgão substituído, enxertado parcial ou totalmente, uma força magnética de retenção. Como um molde colocado, a ordenar novo pedaço ou conjunto a ser constituído, normalizamos a disfunção vibratória perispirítica e favorecemos a força centrífuga do modelo organizador biológico, que pre-

pondera em todo e qualquer corpo astral, especificamente no local da área desmaterializada, anteriormente doente. Evita-se a rejeição e favorece-se a reprodução de células saudias, construindo-se, definitivamente, um tecido recuperado saudável. Observamos os tipos histológicos e sangüíneos, o grau de temperatura e o padrão vibratório da peça a ser implantada. É tudo muito rápido para vós, questão de segundos. A extrema plasticidade do ectoplasma semimaterializado no interior do organismo permite que desmaterializemos o tecido doente e, concomitantemente, moldemos o novo tecido orgânico sadio. Neste tempo, o ectoplasma semimaterializado passa a materializado.

Esses procedimentos, ainda desconhecidos de vossa ciência médica, já dão sinal em alguns laboratórios terrícolas de pesquisa científica. A criação de pedaços ou até órgãos inteiros, dentro do corpo de uma pessoa doente, a partir do uso de próteses biodegradáveis, de uma cultura das mesmas células do órgão afetado pela moléstia, respeitando-se a Lei das Correspondências Vibracionais, que há entre os semelhantes, e evitando-se a rejeição, já é uma realidade. Com o auxílio de vossos computadores, os médicos terrenos já conseguem projetar essas próteses naturais, que são absorvidas pelo corpo do paciente quando da formação de novas células saudáveis, e, através de sua reprodução, acabam ocupando o espaço da própria prótese, que se biodegrada.

Nessas operações espirituais de cura, magia do magnetismo curador, também nos utilizamos de aparelhos polarizadores para novas técnicas ainda desconhecidas das mesas mediúnicas, por onde jorram luzes de cores variadas. A luz branca alivia as dores, acalma e neutraliza os miasmas; a vermelha auxilia nas trocas magnéticas, do positivo para o negativo e vice-versa, reequilibrando as polaridades em vosso plano e anulando as células cancerosas; o verde, em seus diversos matizes, elimina os coágulos e evita as trombozes; o amarelo vibrante, tendendo ao alaranjado e dourado, higieniza o corpo astral e regulariza todas as cargas desequilibradas em suas polaridades, além de exterminar os miasmas e as imantações

de feitiços. E, na transmutação de todos os fluidos manipulados, seja os do médium como os da natureza, alguns provenientes de outros orbes e de outras estrelas do Infinito cósmico, está o violeta. Nessas manipulações cromáticas de cura, as nuances são infinitas, proporcionais às escalas do Cosmo.

Em todas essas ações da magia do magnetismo de cura, está o imenso amor de Deus, a Divindade Suprema que nos guia a todos. E através do seu maior representante na aura terrícola, o Cristo-Jesus, temos os exemplos grandiosos de cura. É inesquecível a cura definitiva de um leproso: Jesus se deslocava para Jerusalém, quando dez leprosos vieram ao seu encontro e pediram compaixão ao Mestre. Jesus, ao vê-los, disse: “Ide apresentar-vos aos sacerdotes” e, no trajeto, os dez ficaram curados das chagas leprosas. Somente um, ao perceber que estava curado, voltou para agradecer a Jesus, e o Mestre lhe disse: “Levanta-te e vai, tua fé te curou”.

Muita paz e muita luz!

Ramatís.



Nota do médium:

A magia fez parte de todas as religiões e raças de que se tem conhecimento na História da humanidade. Quanto aos feitiços e amuletos colocados à frente das portas, nas encruzilhadas e nos cemitérios e túmulos, encontramos na Grécia antiga um trecho de Platão — Leis, livro XI — que diz o seguinte:

“Há entre os homens duas espécies de malefícios, cuja distinção é muito embaraçante. Uma é a que acabamos de expor, claramente, quando o corpo prejudica ao corpo, pelos meios naturais. O outro, por meio de certas práticas, de encantamentos e daquilo que é chamado de ligaduras, aos que empreendem fazer mal aos outros, que assim lhes podem fazer e aos que, empregando essas espécies de malefício, realmente os prejudicam. É muito difícil saber ao certo

o que nisto há de verdadeiro; e quando se soubesse, não seria mais fácil convencer aos outros. É mesmo inútil tentar provar a certos espíritos, fortemente prevenidos, que não devem se inquietar com pequenas figuras de ceras, que tivessem posto à sua porta, ou nas encruzilhadas, ou no túmulo de seus antepassados e exortá-los a os desprezar, porque têm uma fé confusa na verdade destes malefícios. Aquele que se serve de magia, de feitiços e de quaisquer outros malefícios desta natureza, com o fito de prejudicar prestígios, se for adivinho ou versado na arte de observar prodígios, que morra! Se, não tendo nenhum conhecimento dessas artes, estiver convicto de haver usado malefícios, o tribunal decidiria o que deve sofrer na sua pessoa ou nos seus bens.”

O que Platão chama de ligadura são imantações magnéticas na mesma freqüência do alvo visado, que, efetivamente, pegam nos seus pontos fracos, brechas vibratórias, se o atingido não tiver uma conduta reta, de elevada moral e uma fé robusta.

No que tange à participação dos pretos-velhos nas mesas mediúnicas, “**exímios nos desmanches de bases de feitiçaria e magia dos magos negros**”, segundo Ramatís, recentemente tivemos uma experiência um tanto incomum. Manifestou-se num trabalho mediúnico, através da psicofonia, um mago negro, exímio manipulador destas forças ocultas e hábil feiticeiro, que escraviza outros irmãos com deformações perispirituais, que, obrigatoriamente, se tornam seus guardas e asseclas do mal, numa verdadeira legião. Durante o diálogo estabelecido com o doutrinador, os mentores que dão apoio ao grupo — muitos sendo índios, caboclos e pretos-velhos — procederam ao desmanche com varredura ectoplásmica do trabalho de rua, que tinha sido feito por encomenda em encruzilhada.

Igualmente, foi retirado amuleto imantado de um túmulo no cemitério, onde encontrava-se uma pobre entidade sofredora presa aos despojos carnais, não conseguindo desligar-se por causa da ação magnético-vibratória contínua e pertinaz do amuleto, que lhe tinha sido colocado minutos

antes da descida do caixão à tumba mortuária. Esta irmã foi trazida por um médium de transporte até a mesa, procedendo-se o choque fluídico despertador ao seu esclarecimento e socorro. A pobre irmã, imantada aos despojos cadavéricos, era torturada, ininterruptamente, por um bando de malfeitores e soldados daquele mago negro.

Após a manifestação do líder, feiticeiro do Astral, e do resgate da irmã enfeitiçada, fez-se presente o mandante do feitiço, **espírito ainda encarnado**, desdobrado, manifestando-se em psicofonia num dos médiuns. O dirigente doutrinador, não percebendo a amplitude do trabalho, talvez pelo pouco conhecimento teórico de magia negra, e conhecendo somente as obras básicas de Kardec, manteve-se inativo, em silêncio, faltando-lhe argumentos diante da situação inusitada até que um preto-velho, através de outro médium, apresentou-se em auxílio, iniciando diálogo direto com o mandante cruel da feitiçaria, e doutrinou-o no seu linguajar típico, com enorme magnetismo, conhecimento de causa, bastante energia e ênfase. O dirigente ficou durante o tempo da conversa como mero observador.

Todo o desencadeamento deste trabalho socorrista de desmanche de despacho e amuleto, instrumentos de magia e feitiçaria do mago negro contratado por mandante ainda encarnado, foi conseqüência do apelo de um filho da pobre mulher torturada pelo feitiço, desencarnado ainda muito jovem. Não nos foi dado saber os motivos que levaram a todo aquele ódio, ressentimento e dor entre os envolvidos.

A lição que prevaleceu é que a Espiritualidade nunca nos deixa desassistidos, agindo por misericórdia e, em muitos casos, por intercessão de um espírito merecedor, independente do arrependimento ou do perdão dos envolvidos, que continuarão as suas caminhadas evolutivas e, com certeza, a saldar seus débitos na balança cármica em outros momentos existenciais.